# EDITORIAL

**D**a letra, faltante nos escritos, ausência que os traços – grama – entrevêem na sua absoluta imparidade, provêem interrogações traduzidas em pesquisas, em teses, que alimentam cursos, deslocando discursos instituídos, teorias consagradas, devagar demolindo mitos, desfazendo lugares-comuns.
A letra reúne saberes para dispersá-los novamente. Assim, desde a criação do mundo da ciência**:** *work in progress*, verdade virtual e sempre diferida.

**C**omo dar conta do incontável?

**A**s ciências e as artes, assim mesmo, no plural, fundam os ensaios possíveis para interrogar no lugar da Linguagem, o não-lugar da letra. As mídias inscritas nesse lugar da Linguagem (e como poderia ser de outro modo?) são falas e escritos, são imagens e sons, rumores e silêncios. Escutar e ler o que está grafado nas páginas dos jornais, na tela da televisão, nas ondas radiofônicas, no traçado eletrônico, nas redes midiáticas, na web, eis a tarefa.

**O** desejo de desvendar as injunções que guiam e cerceiam tal grafia, de apontar as emergências e as ressurgências de novas/velhas temáticas – a sexualidade, o ambientalismo, os crimes e castigos, o belo e o horror – reúne professores,

pesquisadores, estudantes e colaboradores no
Núcleo de Estudos Jornalismo e Linguagem –
Ciências da Linguagem e Mídia (fundado em 1989), integrante do
Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq e, como tal,
é apoio consistente para os estudos que se desenvolvem
nessa direção junto ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo.

**CALIGRAMA** amplia para o domínio virtual o traçado da letra que nos move.

Nessa primeira apresentação, o professor J. M. Arbach lê, de um modo inusitado e didático o significante da teoria lingüística de F. de Saussure, elaborando interessantes associações com a linguagem gráfica**;** a professora M. R. Gomes, reportando-se a M. Foucault, G. Deleuze e F. Guattari, realiza a leitura de uma seleção de jornais televisivos (Jornal.Nacional, Jornal da Record, Jornal da Cultura) e levanta a questão da isenção nas pesquisas ao sugerir a relação entre identificação e os ideais que norteiam a avaliação**;** C. P. Bonfiglioli retoma os discursos construídos nos jornais sobre o acidente ocorrido em 2003 em Cataguases, procurando desvendar os sentidos que formam e percorrem o chamado discurso ecológico**;** C. Vasconcelos nos deixa saber sobre o mergulho que empreende na “sinfonia” composta por Koyaanisqatsi**;** a “Moça com o brinco de pérola” oferece a A. L. Leite uma razão suficiente para aproximar as relações entre o desejo e o olhar, na esteira do ensino de J. Lacan**;** a aproximação da semiótica e do design se revela produtiva, como se pode ler no trabalho de F. J. P. Pimenta**;** as crônicas do período JK e a questão dos pré-conceitos que moldam a nossa realidade, os simulacros, são a colaboração de V. Gomes de Medeiros e F. V. Oliveira.

**O**s trabalhos das professoras J. M. Ataíde e R. L. Soares, complementam-se, de um certo modo**:** um, ao discutir a questão do diploma do Jornalismo, questão que insiste, situa a função profissional no âmago de uma instituição social, constituinte, como as instituições políticas, econômicas e demais,

da sociedade contemporânea. O texto enriquece a discussão que, de hábito, se perde em trivialidades. O outro traz para a superfície os traços que compõem

a função do professor**:** o desejo que, efetivamente, é a palavra nunca dita, a relação saber/conhecer, a paixão e a viagem empreendida através do duro ofício de enfrentar a impossibilidade**:** o educar.

**CALIGRAMA** aí está: o belo traço.

*Profa. Dra. Jeanne Marie Machado de Freitas*

*EDITORA*